

ENTREVISTA COM FÁBIO DE SOUZA ANDRADE SOBRE A OBRA DE JORGE DE LIMA

Entrevistado:
Fábio de Souza Andrade

Entrevistado por:
Alexandre de Melo ANDRADE
Solange Fiuza Cardoso YOKOZAWA

Fábio de Souza Andrade é ensaísta, tradutor e crítico literário, pesquisando e orientando trabalhos nas áreas do modernismo brasileiro e europeu. Assinou a coluna *Rodapé*, na *Folha de S. Paulo*, entre 2005 e 2009. Professor Associado de Teoria Literária e Literatura Comparada na USP, é autor dos livros *Samuel Beckett: o silêncio possível* (Ateliê, 2001) e *O engenheiro noturno: a lírica final de Jorge de Lima* (Edusp, 1997), entre outros. Foi professor na Unesp e na Unicamp e professor convidado na Universidade de Paris 8 e na Freie Universität Berlin. Organizou antologias críticas da obra de Jorge de Lima (*Antologia Poética Jorge de Lima*, Cosac Naify, 2014 e *Poemas Negros – edição ampliada*, Alfaguara, 2016), bem como edições, posfácios e aparatos críticos a seu poema maior, a *Invenção de Orfeu* (Cosac Naify, 2013, e Alfaguara, 2017). Lidera o *GP Estudos sobre Samuel Beckett (USP)*. Do autor irlandês, traduziu *Esperando Godot* (Companhia das Letras), *Fim de Partida*, *Dias Felizes* e *Murphy* (Cosac Naify) e *Disjecta: escritos diversos e um fragmento dramático* (Globo), além dos romances *Murphy* e *Watt* (Companhia das Letras).

- 1) Jorge de Lima tem sido comumente integrado à geração espiritualista do Modernismo brasileiro, ao lado de nomes como Murilo Mendes, Cecília Meireles e o Vinícius de Moraes da primeira fase. A revista *Festa* – importante veículo de divulgação de textos doutrinários e de produções poéticas da poesia mística – publicou três poemas de Lima, sendo dois da primeira fase (“Meu flos sanctorum”, edição 11, ano de 1928; e “Nordeste”, edição 13, ano de 1929) e um da segunda fase (“O destino da poesia”, edição 1, ano de 1934). Levando em conta que o grupo *Festa* interessou-se pela poesia mística no sentido de totalidade criadora e universalismo desprovido de crítica social, é possível dizer que a produção futura de Jorge de Lima atestaria um distanciamento dessas ideias para compor um misticismo mais aferrado às questões sociais?

Inegável que o catolicismo tem uma importância central na vida do homem Jorge de Lima e que essa importância se comunica com a sua obra. A relação com o Centro Dom Vital e o conservadorismo de Jackson Figueiredo, assim como com o grupo católico carioca de *Festa*, pode ser compreendida nesse âmbito. Mais revelador, me parece, contudo, seu vínculo estreito com uma vertente secularizada do misticismo na poesia moderna em aspecto mais universal; a transcendência vazia estudada n'As *Flores do Mal*; a religião da arte que ambiciona tomar para si o poder de unificação de sentido da experiência e a capacidade de explicação metafísica antes depositados na fé, um processo que precede o modernismo. Roger Bastide, excepcional crítico da poesia brasileira, foi fundo no assunto nos ensaios que foram reunidos na coletânea *Poetas do Brasil*, publicada pela Edusp, nos anos 1990, e retomados na monumental *Navette Literária França-Brasil*, antologia abrangente de sua obra de crítica literária voltada ao Brasil, organizada por Glória Carneiro do Amaral. Ainda que na primeira aproximação sistemática do poeta ao pensamento católico o aspecto conservador tenha prevalecido, marcado pelas polaridades ideológicas que marcaram a década de 1930, a própria prática médica e política – não a partidária, udenista e conservadora, mas aquela ligada ao assistencialismo às camadas mais desfavorecidas da população carioca – levaram a uma renovação da fé numa direção mais democrática e ecumênica, que certamente se refletiu em sua poesia. É preciso lembrar que, na poesia, Jorge de Lima nunca abraçou o engajamento direto. O que nele há de contestador e resistente, pouco conformista, é a forma lírica, difícil e hermética, recobrando camadas de experiência social de invenção estética; como Murilo Moura mostra em seu excelente livro sobre a poesia brasileira e a Segunda Guerra Mundial, a presença direta dos horrores do conflito é discreta em Jorge de Lima, sem deixar de ser decisiva na atmosfera geral que perpassa sua produção a partir de final dos anos 1930.

- 2) Mário Faustino, em “Reverendo Jorge de Lima” (texto recolhido na coletânea *De Anchieta aos concretos*, organizado por Maria Eugenia Boaventura), diz que *A túnica inconsútil* é o livro “em que o poeta menos acerta. Ao contrário das outras, difícil é achar, nesta parte, um verso realmente válido, uma expressão realmente poética, i. e., formulativa, recriadora, reificadora.” O ensaísta pressupõe, ainda, que o livro parecia uma experimentação para obras futuras. Para você, qual a importância desse livro no conjunto da poesia de Jorge de Lima?

Na minha leitura, tanto *A Túnica Inconsútil* quanto *Anunciação e Encontro de Mira-Celi* são livros de transição, que se sustentam em si, mas valem sobretudo porque neles o poeta experimenta uma nova linguagem, centrada na força de imagens ousadas, metáforas inconcessivas e pouco clássicas, em uma imagética enigmática que não tem precedentes em sua obra inicial. Não compartilho inteiramente do juízo de Mário Faustino, excelente poeta, ótimo crítico, mas que, herdeiro da crítica prática e interessada poundiana, não hesita, antes prefere as afirmações

sem meios tons, a força impositiva do dito polêmico (perco o poeta, mas não perco a frase). Acho que está coberto de razão quando preocupado com uma leitura do conjunto de obra do poeta, ele identifica nos dois volumes apenas um ponto de inflexão, sem desejar descartá-los em bloco; há poemas completamente realizados, já no espectro do estilo tardio, em ambos os livros.

- 3) Os *Poemas negros*, de 1947, tornaram-se referência para a produção poética brasileira, tanto pelos aspectos estéticos – dos quais a forte musicalidade é apenas uma traço – quanto pelos temas, como a absorção das esferas nordestinas (de que o poema “Nordeste”, que o poeta resgata de sua publicação na revista *Festa*, é emblemático), o trato conferido aos escravos (a exemplo de “Essa negra Fulô”, talvez o poema mais popular de Jorge) e a conjugação dos mais diversos sincretismos de que nossa brasilidade é constituída (explícita no poema “Democracia”). Por tratar-se de temas que têm sido recorrentes na literatura contemporânea, inclusive debatido pelos estudos culturais, de que modo podemos compreender a importância e a atualidade dos *Poemas negros*?

É preciso considerar os *Poemas Negros* em dupla perspectiva: por um lado, há a importância pioneira que tiveram quando surgiram, representando um alargamento do universo explorado pela lírica modernista na direção de aspectos cruciais da identidade brasileira, antes tabus, tocando no difícil dos afetos contraditórios que carregavam, em que pesem todos os limites de classe, ideológicos, que então definiam o projeto das primeiras gerações modernistas, hoje melhor conhecidos e expostos; por outro, não há como ignorar a renovação do olhar que sobre responsabilidade não nomeadas e culpas não redimidas, que persistentes chagas decorrentes do escravismo impõem à fruição dos poemas hoje. Ambos os aspectos não podem, nem devem ser negados ou apagados na nossa leitura atual do poeta. Muito ao contrário. É preciso elevar cada vez mais ao nível da consciência o que há de contraditório, revolucionário e conservador, a um só tempo, nos gestos de ruptura que marcaram o vinco que as gerações modernistas impuseram à cultura brasileira em seus momentos altos. Eivadas de marcas ideológicas, essas realizações formais têm também uma dimensão emancipadora, crítica, e têm nos obrigado a confrontar dimensões reprimidas da nossa identidade, capturadas sob a forma tensa e questionadora, não-conceitual, da imagem, conatural à percepção estética do mundo. Como muitos de seus contemporâneos, Jorge de Lima é uma figura politicamente complexa, profundamente marcada pelos acertos e erros de seu tempo. Mesmo que seus ensaios críticos e textos programáticos, penso, estejam muito aquém do que realizou como poeta (raiano, por vezes, a ingenuidade inócua, por vezes, uma confusão teórica e uma arrogância de classe hoje inaceitável, politicamente nefasta), tal como em Pound, Eliot ou Céline, o que nos causa repulsa em suas ideias políticas, também experiência impregnada de testemunho histórico e matéria de poesia, não deve resultar na recusa da força com que sua arte toca no mais profundo e temível em nós,

camadas de vivência histórica que devem ser revolvidas e expiadas. Alfredo Bosi já apontava o quanto o gume crítico da percepção singular e concreta da arte que não se banaliza infiltra de elementos contra-ideológicos, o que na superfície, enquanto valor de face semântico, passa por esposamento de um discurso retrógrado. A forma estética comporta uma afirmação e sua crítica tem esta capacidade quando realizada de maneira exigente. E Jorge de Lima é desta família artística, a dos inconcessivos.

- 4) Há uma tendência crítica que aproxima a *Invenção de Orfeu* ao estilo barroco. Você concorda com tal associação? Caso sim, de que modo isso se dá?

A obra final de Jorge Lima, em particular a *Invenção de Orfeu*, é extremamente esquivada às rotulações, à associação epigonal a estilos de época, *one of a kind*. Seu aspecto moderno e clássico a um só tempo nos faz pensar como o que monoliticamente rotulamos modernismo está composto por uma infinidade de vertentes, modernismos que se entrecrocaram. Se partilham um impulso crítico comum, bastante geral, que ainda não se esgotou, e está composto a um só tempo do enfrentamento das questões determinadas, técnicas e formais, legadas pela tradição, se têm em comum a fidelidade, há um impulso de ruptura, uma opção preferencial pela arte do não e do talvez, da mobilidade, da inconclusividade, estes modernismos adotam projetos próprios muito diversos. O impulso classificatório é indissociável do esforço de compreensão da novidade, mas não o esgota. As tentativas de definir projeto e alcance da *Invenção de Orfeu* passaram, em certo momento, por sua aproximação de outras obras latino-americanas cujo caráter expansivo, enrodilhado, enigmático, complexo e ousado sugeria afinidades com a linguagem barroca. O neobarroco de Severo Sarduy ou Alejo Carpentier tem evidentes afinidades com a combinação entre o simbólico e o alegórico na imagem complexa, órfica em primeiro plano no Jorge de Lima final. Mas reduzir a essas valências o épico-lírico de Jorge Lima pode obscurecer particularidades de sua relação forte com a tradição clássica e com o modelo bíblico, sua recapitulação pessoal, formal e temática, da história do enfrentamento de motivos centrais na cultura Brasileira pela tradição poética local. Não há como dizer o sucesso relativo ou o fracasso heroico, admirável de um poema como *Invenção de Orfeu*, sem enfrentar essas determinações singulares. Talvez a única forma de o definir seja a negativa, pelo que ele não é. Nesses termos, o neobarroco é apenas mais um dos ingredientes que se combinam na sua solução pessoal, bastante resistente, como tenho insistido, tanto à síntese quanto à simplicidade, à falta de dobras.

- 5) No posfácio da *Invenção de Orfeu* publicada pela Cosac Naify em 2013, você aproxima Jorge de Lima de uma “vertente órfica do catolicismo”. O que seria uma vertente órfica do catolicismo de Jorge de Lima? Em sua percepção, Murilo Mendes também compartilha dessa tendência lírica?

Mais uma vez, Roger Bastide me vem à lembrança. A transcendência vazia que responde à falência dos valores religiosos como elementos unificadores de uma visão de mundo impõe aos poetas a vontade de potencializar a dimensão encantatória da lírica, a capacidade utópica (e crítica) de plasmar na linguagem mundos alternativos, que aproximam o artista do modelo de um demiurgo. Ora, essa dimensão está presente e é central no mito de Orfeu, mas não apenas: integra com destaque a interpretação figural que atravessa a filosofia da história judaico-cristã (e suas realizações literárias); o que sugiro é que em seus melhores momentos, esse impulso místico secularizado, este gosto pelo mito, fecundou e fortaleceu a fantasia poética e a capacidade crítica da imagem em figuras como Jorge de Lima e Murilo Mendes, cada um deles segundo inclinações pessoais próprias, mas escrevendo em contexto comum.

- 6) Ao lado de Murilo Mendes, Jorge de Lima compôs uma linha do Modernismo a que normalmente a crítica se refere como a restauração da poesia em Cristo. Poderia falar sobre a relação pessoal entre Jorge de Lima, Murilo Mendes e Ismael Nery e o projeto ético e estético de restauração de uma poesia em Cristo?

A vocação transfiguradora e totalizante atribuída à experiência estética, a determinação em enxergar o invisível sob a banalidade do visível na experiência cotidiana, a importância fulcral conferida ao choque, ao elemento revelador e epifânico que a arte comporta, o curto-circuito entre presente, passado e futuro que a força explosiva, diluidora de contornos, que a imagem poética carrega são elementos comuns ao projeto estético das três figuras que se aproximaram na cena intelectual carioca da primeira metade do século 20. A sensibilidade aguda, de matriz vanguardista (surrealista mesmo) ao revelar que semelhanças insuspeitas entre aspectos remotos da experiência guardam, assim como a recusa a toda forma de automatismo irrefletido que rege a submissão dos indivíduos e das massas às totalidades falsas, socialmente dominantes, os trilhos azeitados da máquina social, são elementos comuns à prática artística de Jorge de Lima, Murilo Mendes e Ismael Nery. Na obra de todos eles, a aproximação da figura do artista ao elemento sacrificial que vertebrava a paixão do Cristo, o artista como mártir e herói sacrificial rebelde, dá a medida da importância revolucionária conferida pelos três à linguagem, estética – poesia, pintura, música e dança – nas trajetórias individuais, na esfera biográfica e privada, mas principalmente no mundo; o impulso de liberdade que perpassa este projeto estético comum está fortemente associado a uma dissolução das fronteiras entre as artes, belas artes e literatura, literatura e música agindo em território comum, sem demarcações claras, emprestando e tomando emprestado artifícios e procedimentos umas das outras, bem como entre a vida vivida e a vida vicária da poesia, nisto reside sua dimensão crítica de um projeto vanguardista e coletivo, em certa medida, não expressamente político ou panfletário, mas tomado de um engajamento essencial.

- 7) Boa parte de sua produção crítica diz respeito ao Jorge de Lima da fase final – discussão que já estava no cerne de sua dissertação de mestrado (1993). Que elementos novos (ou expandidos) caracterizam essa produção final, quando comparada com suas obras anteriores?

Não teria dúvida em dizer que a grande marca de novidade no estilo tardio de Jorge de Lima é a radicalidade da imagem, uma complexidade, no entanto, tributária de um lento amadurecimento, de uma sucessão de variações temáticas e experiências formais, do acúmulo de circunstâncias diversas, biográficas e sociais, que se dá ao longo do extenso percurso que caracteriza a vida do poeta, desde a infância alagoana, até os últimos dias em seu consultório de poesia na Cinelândia carioca. Há em *Invenção de Orfeu*, extenso e último volume desafiador, que se convencionou chamar de testamento poético, não apenas um esforço de recapitulação da variedade formal que Jorge praticou ao longo da vida e do vasto material histórico e temático que o interessou, mas também um esforço *in extremis*, insistente e insatisfeito, porque não acomodado com a noção do ponto final, de reconfiguração da sua expressão, sempre aproximativa e tensa. Mais que um livro, *Invenção de Orfeu* é um campo de forças, campo de batalha de vetores formais e formulações épicas e líricas inconcessivas, que na sua aparente extensão invencível, guarda momentos de alta síntese impactante, mais que bastantes para justificar a sua importância.

- 8) Jorge de Lima é um dos maiores poetas do século XX do Brasil. Entretanto, recebe uma atenção crítica bem menor que aquela dispensada a poetas como Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto. Além disso, mesmo o livro considerado a obra maior do autor, *Invenção de Orfeu*, recebeu críticas restritivas de nomes como Wilson Martins, Augusto de Campos e Sebastião Uchoa Leite. A que atribui a menor atenção crítica ou mesmo a restrição crítica a Jorge de Lima?

A atenção que Jorge Lima recebe é flutuante, não apenas flutuante, mas feita de polaridades extremadas, amor e ódio, à semelhança dos oximoros desconcertantes que vertebram as imagens mais representativas da obra final. Amado no final dos anos 1950 e ao longo dos anos 1960, apesar da maré montante construtiva; relido esporadicamente pelos seus antípodas da geração da poesia marginal; silenciado ao longo dos anos 1980, para ser redescoberto pelo mercado editorial (a exemplo de Murilo Mendes), nos anos 1990 e 2010; seu lugar entre os maiores poetas brasileiros, merecido, não é consensual, longe disso. Muitas vezes, a recusa da sua poesia se dá pelas razões decorrentes de uma leitura empenhada, seletiva e ardilosa, que colhe na enorme variedade formal o que melhor serve ao projeto, crítico ou criativo, do eventual leitor (daí, a rejeição taxativa dos concretistas, por exemplo). Parece-me insuficiente e injusta esta forma de ler sua obra final em particular. Para melhor apreciá-la, não se deve cobrar coerência estrita,

sua novidade e interesse sendo decorrentes de uma disposição permanente para a renovação e a reinvenção de si, fazendo-se a *Invenção de Orfeu*, por exemplo, os poemas breves em forma fixa do *Livro de Sonetos*, todos em dobras, recusa do simples. À máxima ambição correspondem riscos à altura: as falhas são constitutivas e reveladoras de algo essencial na obra de Jorge de Lima. Sua apreciação mais justa e produtiva não pode abdicar desse ponto de partida; a marca moderna da sua poesia é justamente essa abertura ao magmático, ao metamórfico. A forma difícil em que resulta é uma tradução ativa da recusa ao imobilismo, conquista, e não uma acomodação a um pendor expressivo incontido.

- 9) João Cabral diz em mais de um momento que a poesia moderna é uma poesia de poetas para outros poetas ou críticos. Pensando nisso e na dificuldade de leitura de um livro como *Invenção de Orfeu*, qual o lugar desse poema hoje junto a leitores de poesia que não possuem uma formação especializada?

Invenção de Orfeu é, sem dúvida, um repositório da mais alta poesia, mesmo para aqueles que desconfiam de alguma forma de construção unitária no livro; na imagem de um dos versos mais conhecidos do poeta, é lugar de distribuição de poesia, poesia exigente e ambiciosa, que se destaca tanto pela melopéia, quanto pela estranheza das imagens, correspondentes ao intrincado da experiência contemporânea. Nesses termos, trata-se de lírica que obriga o leitor a pensar o papel da poesia no mundo contemporâneo, reconsiderar o clichê do senso comum que a ela atribui a pecha de descartabilidade inofensiva, ou assunto de nefelibatas. Não é um livro fácil, inclusive por seu aspecto múltiplo, programaticamente irresolvido: as leituras que autoriza são muitas, inclusive a que descarta a estrutura desafiante e recolhe antologicamente o mais acabado e imediatamente sedutor entre as várias formas breves incrustadas, os múltiplos sonetos, por exemplo, que nele estão abrigados. Impossível ficar totalmente insensível à tessitura sonora aliciante da melodia cuidada de seus versos, à sugestividade estranha das imagens que o compõem, à memória fragmentária e plural dos muitos brasis que levamos dentro de nós ali repercutidos. No limite, a poesia que se faz hoje, do slam aos poetas laureados, das vozes combativas às academias oficiais, é também de muitas vertentes. Neste panorama, Jorge de Lima faz falta e conquistou um espaço legítimo por direito. Trata-se, de fato, de um poeta que exige, e muito, do crítico e do leitor, mas a recompensa é farta.

- 10) Seria possível falar hoje em uma presença poética efetiva de Jorge de Lima entre os poetas contemporâneos?

No sentido de uma influência em linha direta como a que ele exerceu sobre muitos nomes nos anos 50 e 60 por exemplo evidentemente não, o peso que é a lírica modernista e sua poesia final tiveram sobre figuras como Mário Faustino, Roberto Piva e o grupo Paulista ao seu

redor ou o interesse que despertou por exemplo numa poeta aparentemente tão distante dele como Ana Cristina César hoje, não tem equivalente, mas não se trata de um poeta anacrônico porque na poesia não cabe Matar e enterrar. A novidade se faz de releituras cíclicas, do interesse surpreendente e de novos sentidos descobertos em autores que pareciam estar silenciosos sob o pó dos anos. Jorge de Lima permanece vivo, é questão de saber ouvir.

- 11) Jorge Lima foi um homem e um artista de várias faces. Poeta antes de tudo e sempre, foi também romancista, pintor, biógrafo, ensaísta, político e médico. Certamente essas faces se intercomunicaram e se interinfluenciaram. Delimitando essas relações, em que medida o poeta e o pintor dialogam entre si na obra poética e pictórica do autor?

A relação entre poesia e pintura na obra de Jorge Lima é íntima a ponto de suas experiências com as fotomontagens no pós guerra encontrarem continuidade no caráter desafiador das imagens em sua lírica final. A impregnação surrealista, o procedimento da colagem ou da montagem, mais que análogos homólogos, são comunicantes na literatura e nas artes plásticas. Um certo lirismo que lembra chagall também sugere uma sensibilidade aos temas populares, a memória campo e da infância atingidos de ares sinistros por vezes também atesta essa proximidade e é um traço do projeto moderno. Este passeio entre essa arte que oscila curiosamente entre a simplificação da forma e o hermetismo, a resistência que se fecha em copas contra a banalização da linguagem artística em meio a outras formas discursivas diluídas no cotidiano administrado, também nesse sentido a sua obra é notavelmente moderna.